



Roças na comunidade quilombola de Médio Itacuruçá: um espaço de preservação cultural e segurança alimentar

Farms in the quilombola community of Médio Itacuruçá: a space for cultural preservation and food sovereignty

BRANDÃO, Leonaldo de Carvalho¹; SANTANA, Eduardo Justino²; MACHADO, Edivandro Ferreira³

¹ Universidade Estadual de Campinas, l220503@dac.unicamp.br; ².Universidade Federal do Pará, eduardosantanak9@gmail.com; ³Museu Paraense Emilio Goeldi, edivandro22ferreira@gmail.com;

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais.

Resumo: Este resumo destaca o papel das roças na comunidade quilombola de Médio Itacuruçá, enfatizando sua relevância na preservação dos saberes tradicionais e na garantia de segurança alimentar. A pesquisa adotou abordagens qualitativas e quantitativas, revelando que as roças são a principal atividade econômica para algumas famílias e uma fonte suplementar de renda para outras. Contudo, o acesso limitado a áreas de terra obriga famílias a arrendar terras de outros quilombolas para a prática agrícola. O conhecimento tradicional associado às roças é crucial, abarcando não só a produção, mas também aspectos sociais e ambientais. Entretanto, nota-se redução na variedade de culturas, o que impacta a transferência intergeracional desses saberes. O trabalho das mulheres quilombolas têm papel fundamental nas roças, embora frequentemente seja invisibilizado. As roças persistem como espaço de sustento e de transmissão de conhecimento, sublinhando a importância de protegê-las para as futuras gerações.

Palavras-chave: agricultura familiar quilombola; trabalho e gênero; amazônia; agrobiodiversidade.

Introdução

O que hoje chamamos de Amazônia é resultado de muitos anos de interação entre a floresta e os povos que habitaram e habitam essa região, possibilitando a reprodução dos modos de vidas, saberes de coletar, pescar, caçar, praticar agricultura, habitar, proteger, curar, cozinhar e comer (MALHEIRO; PORTO-GONÇALVES; MICHELOTTI, 2021). As roças na região amazônica são resultado desses diversos processos e componentes que sofreram modificações ao longo do tempo, culminando no desenvolvimento da prática agrícola de corte e queima. Toda essa complexidade é questão estudada pela agroecologia nas suas dimensões de movimento, ciência e prática (SILVA, 2021).

Nesse contexto, as roças são sistemas agrícolas complexos, estando intrinsecamente ligadas a saberes que abrangem aspectos socioculturais e ecológicos; promovendo o manejo, a conservação e o uso sustentável da diversidade biocultural (MARTINS, 2005; LIMA, 2019).

Especificamente nas comunidades tradicionais, como as comunidades quilombolas, as roças vão além das relações econômicas ou ecológicas, desempenhando um



papel central nos modos de vida. Elas incorporam um padrão cultural que se fundamenta em um conjunto de práticas enraizadas nas estruturas familiares (BISPO, 2015), com o trabalho ocupando uma posição central (ALMEIDA, 2006)

Partindo dessa complexidade, o objetivo deste texto é destacar o papel das roças na comunidade quilombola de Médio Itacuruçá, com ênfase nas dinâmicas sociais que se estabelecem nesse espaço, evidenciando a sua importância para a preservação dos saberes tradicionais e a segurança alimentar.

Metodologia

A presente pesquisa foi conduzida na Comunidade Quilombola de Médio Itacuruçá, localizada nas ilhas do município de Abaetetuba, no estado do Pará, servindo como ponto de coleta de dados empíricos para a reflexão conceitual. De acordo com Pojo e Elias (2018), os quilombos de Itacuruçá (Alto, Médio e Baixo) são comunidades quilombolas e ribeirinhas que sobrevivem da agricultura familiar, da produção de cerâmica (olarias), do cultivo de açaí, do comércio, de cargos públicos e benefícios sociais.

Neste resumo, adotamos uma abordagem qualitativa, combinando dados quantitativos segundo as recomendações de Goldenberg (2004) e Gil (2008) relacionados ao processo de cultivo nas roças do Quilombo de Médio Itacuruçá. Baseados na memória coletiva (HALBWACHS, 2013), conduzimos "entrevistas interativas não estruturadas" (CORBIN; MORSE, 2003), bem como entrevistas individuais fechadas, com os agricultores e as agricultoras reconhecidos por seu envolvimento nas atividades da roça, bem como seus respectivos cônjuges. Além disso, realizamos observação participante, seguindo os princípios de Malinowski (1978).

Resultados e Discussão

No Quilombo de Médio Itacuruçá, assim como em outras regiões da Amazônia, foram observadas diferentes fases econômicas ao longo do tempo, em que diferentes produtos ou atividades de trabalho ganharam destaque no território (CRUZ, 2011). Essas fases incluíram o boom da borracha nos anos 1890, o cultivo de cana-de-açúcar nos anos 1950, a produção de cerâmica nas décadas de 1980 e, atualmente, o cultivo de açaí (BRANDÃO, 2023).

As roças têm atravessado esses períodos de implantação e ápice de produção, fazendo parte da vida quilombola em Médio Itacuruçá. Elas são parte integrante da história desse quilombo, presentes desde a sua fundação até os dias atuais. As roças se configuram como a principal atividade econômica de algumas famílias e como uma fonte complementar de renda para outras. Independentemente da forma, as roças sempre estiveram presentes na vida das famílias quilombolas.

Devido à organização do quilombo às margens do rio, as áreas de 'terra firme' não são facilmente acessíveis para muitos, especialmente porque estão distantes das



residências, principalmente para as famílias que residem na margem esquerda do rio. O oposto também ocorre com as famílias que vivem em áreas de terra firme, que têm acesso limitado às terras das áreas de várzea. Essa realidade é comum nas comunidades ribeirinhas amazônicas (SILVA; NODA, 2016; POJO; ELIAS, 2018).

Essa questão se reflete em diferentes relações sociais no que diz respeito ao trabalho e ao acesso à terra, uma vez que famílias que não possuem lotes em áreas de 'terra firme', arrendam terras de outros quilombolas para cultivarem suas roças. Essas áreas são chamadas de "centros" e consistem em áreas de 'terras firmes' onde mais de uma família ocupa para realizar suas roças, tendo um ponto central – que são chamados de 'centros' onde é feita a produção de farinha.

No quilombo, existem vários "centros", como Cocoriê, São João, Parazinho, Militão, Pasto, Piracema, Santana, Seu Lili, Tia Inácia, Tia Naza, Tia Celé, Tio Buruca, Seu Dilo, Dona Hota, Seu Bico, Augustinho e Pintão. Nesses locais, as famílias cultivam suas roças e processam a farinha nos retiros, que são as casas de farinha no quilombo. Após a produção da farinha, as famílias que arrendaram as terras pagam os proprietários com um terço da produção total, utilizando como unidade de medida o 'arquerie', equivalente a um saco de 30 kg.

O arrendamento de terras é observado em várias partes do país (ESTERCI, 2008), mas é pouco observado em quilombos na Amazônia. Ferreira e Santiago (2014) afirmam que o arrendamento pode levar à fragmentação e à perda da identidade da comunidade quilombola. No entanto, essa prática de arrendamento mesmo com suas limitações possibilita a continuidade para produção dos roçados por famílias que não possuem lotes em áreas de terra firme. Cria-se uma contradição, mas que faz parte dessa construção social e possibilita a manutenção dos modos de vida do quilombo.

Outra questão observada é a coalizão de famílias, em que dois ou três núcleos familiares, que podem ou não ter parentesco, mas na maioria das vezes têm, se unem para cultivar suas roças, cada um em uma terra diferente, como em um mutirão. O pagamento a essas famílias que ajudaram na produção é feito com farinha. Assim, a família que produz a farinha de mandioca, ao final da produção, divide-a entre os participantes, "pagando" os donos da terra com um terço da produção total e fornecendo uma porção generosa de farinha para cada família que ajudou no processo. O que sobra fica com a família responsável pela produção. Vale ressaltar que não há uma medida precisa dessas porções, pois elas são determinadas pelo número de famílias que ajudaram e pela quantidade produzida. No entanto, é um acordo mútuo entre todos os que ajudaram na produção de farinha das outras famílias que compõem essa coalizão. Além disso, uma família pode fazer parte de mais de uma coalizão.

O conhecimento tradicional relacionado às roças, não é apenas em termos de produção, mas também em aspectos sociais, culturais e ambientais. Esse conhecimento do saber-fazer nas roças é transmitido de geração em geração entre



os membros da família. No entanto, atualmente, há uma perda na agrobiodiversidade de produção, o que afeta negativamente a transmissão desses conhecimentos. Gerações passadas cultivavam uma ampla variedade de culturas em comparação com o presente (Tabela 1), o que resultava em uma maior circulação e renovação de conhecimentos entre os quilombolas.

Tabela 1: Lista de espécies cultivadas nas roças do quilombo de Médio Itacuruçá, Abaetetuba-PA

Nome Científico	Nome Popular	Passado	Atualmente
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	X	X
<i>Oryza sativa</i> L.	Arroz	X	X
<i>Musa spp.</i>	Banana	X	X
<i>Ipomoea Batata</i> (L.) Lam.	Batata	X	
<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	X	X
<i>Coffea Arabica</i> L.	Café	X	
<i>Saccharum spp.</i>	Cana	X	
<i>Dioscorea trifida</i> L.	Cará	X	
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp	Feijão	X	X
<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergelim	X	X
<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne	Jerimum	X	X
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Macaxeira	X	X
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	X	X
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	X	X
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. E Nakai	Melancia	X	
<i>Zea mays</i> L.	Milho	X	X
<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	X	

Fonte: autor 2023

Calendários agrícolas diferentes, variedades de espécies, técnicas de controle de pragas, usos da terra, entre outros, eram conhecimentos comuns. No entanto, atualmente, a perda na agrobiodiversidade de culturas contribui para a perda desses diferentes saberes o que influi sobre a soberania e segurança alimentar dos quilombolas, que passam a consumir produtos processados com alta taxa de agrotóxicos, sendo essa uma questão observada por Alvez e Fita (2023) em seu trabalho na comunidade quilombola de Jacarequara, no nordeste paraense.

As mulheres quilombolas desempenham um papel fundamental nas roças, participando de todos os processos, desde a limpeza da área até a comercialização da farinha. Sua importância também é observada por Recendiz (2000) e Penha, Silva e Machado (2020). No entanto, percebe-se que seu trabalho é invisibilizado em termos de remuneração e influência direta sobre o dinheiro obtido com a venda dos produtos provenientes das roças. Seu trabalho é considerado como "ajuda" (PAULILO, 1987; TORRES, 2010; PENHA; SILVA; MACHADO, 2020), porém, sem a mulher, não há roça plantada, capinada; não há mandioca descascada e tipiti cheio. Em vista disso, a roça se configura como um importantíssimo espaço de fortalecimento e manutenção da cultura e da soberania alimentar quilombola.



Conclusões

Mesmo com transformações significativas ao longo da história do quilombo do Médio Itacuruçá, como a ascensão e decadência de atividades como a borracha, o cultivo de cana, as olarias e a expansão dos açaçais, o modo de vida do quilombo de Médio Itacuruçá, mantém-se resiliente e contra hegemônico. A manutenção das roças no quilombo preserva os valores, conhecimentos tradicionais e saberes quilombolas, sendo considerada essencial não apenas para a produção agrícola, mas também para aspectos sociais e ambientais. No entanto, observa-se uma perda na agrobiodiversidade de culturas cultivadas, o que afeta a transmissão desses saberes entre as gerações.

Além disso, o papel das mulheres quilombolas nas roças muitas vezes é invisibilizado e subvalorizado. A coalizão entre famílias na produção de farinha de mandioca é uma prática importante para garantir alimentos e derivados para a comunidade, mas a questão do arrendamento de terras em um território tradicionalmente titulado e reconhecido cria contradições importantes de serem observadas. Apesar dos desafios enfrentados, as roças no quilombo do Médio Itacuruçá são espaços fundamentais para preservar a cultura e a soberania alimentar quilombola, representando uma fonte vital de sustento e transmissão de conhecimentos tradicionais para as gerações futuras.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo. W. B. **Os quilombos e a base de lançamento de foguetes de Alcântara**: Laudo Antropológico. Brasília: MMA, 2006. p. 51.

ALVES, Ellem. S. F.; FITA, Didac. S. As roças e o extrativismo na comunidade quilombola do Jacarequara, Santa Luzia do Pará, Nordeste Paraense. **Revista NERA**, v. 26, n. 66, 2023.

BISPO, Antônio. **Colonização. Quilombos**: modos e significados. Brasília, DF: INCTI/CNPq/UnB, 2015.

CORBIN, Juliet.; MORSE, Janice. M. The unstructured interactive interview: issues of reciprocity and risks when dealing with sensitive topics. *Qualitative Inquiry*, 9 (3), 2003, p. 335-354. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1077800403009003001>> Acesso em: 09 jan. 2023.

CRUZ Valter. C. **Lutas sociais, (re)configurações identitárias e estratégias de reapropriação social do território na Amazônia**. Tese de Doutorado em (Programa de pós-graduação em Geografia humana) Universidade Federal Fluminense -UFF. 2011.368 f.

ESTERCI, Neide. **Cooperativismo e coletivização no campo**: questões sobre a prática da igreja popular no Brasil. 2008.



FERREIRA, Hugo. V. L.; SANTIAGO, Gabriella. M. Uma discussão sobre o agrário em aula de campo na comunidade tradicional quilombola de capão verde em Poconé-MT. In: **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Anais do VII CBG, Vitória/ES. 2014.

GIL, Antônio. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais 8. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LIMA, Ana. G. M. Etnografias Jê e as plantas cultivadas: contribuições para o debate sobre sistemas agrícolas tradicionais. **Revista De Antropologia Da UFSCar**, 11(2), 2019. p.293-325.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MALHEIRO, Bruno.; PORTO-GONÇALVES, Carlos. W.; MICHELOTTI, Fernando. **Horizontes amazônicos: para repensar o Brasil e o mundo**. —1.ed.-- São Paulo : Fundação Rosa Luxemburgo; Expressão Popular, 2021.

PAULILO, Maria. I. S. **O Peso do Trabalho Leve**. Departamento de Ciências Sociais- UFSC. Revista Ciência Hoje- nº 28/1987. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1416/opesodotrabalholeve.pdf> Acesso 13 jun. 2023.

PENHA, Katia. S.; SILVA, Givânia. M.; MACHADO, Meline. C. **Quilombos e quilombolas na Amazônia**: os desafios para o (re) conhecimento. Brasília: ECAM/CONAQ, 2020.

POJO, Eliana. C.; ELIAS, Lina. D. O cotidiano das águas na tradição quilombola da comunidade do Rio Baixo Itacuruçá-Abaetetuba, PA. **Revista Sociais & Humanas** - vol. 31 / Nº 3 – 2018. Disponível em:<<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/download/34730/pdf>> Acesso em: 17 jun. 2023.

RECENDIZ, Nicanor. R. **Escolarización y cultura: um estudio antropológico de los Palikur del Bajo Uaçá, Brasil**. Tesis de Doctorado en Antropologia Social. Mexico: Universidad Iberoamericana, 2000.

SILVA, Sandra. H.; NODA, Sandra. N. A Dinâmica entre as águas e terras na Amazônia e seus efeitos sobre as várzeas. **Revista Ambiente & Água**, v. 11, p. 377-386, 2016.



SILVA, Valcilene. R. **A complexidade da agroecologia no caminhar para agroecossistemas e sociedades sustentáveis: uma mirada desde o Semiárido de Pernambuco.** Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2021.

TORRES, Iraildes. C; RODRIGUES, Luana. M. O trabalho das mulheres no sistema produtivo da várzea amazônica In: SCOTT, P.; C., R; MENEZES, M. (Orgs.). **Gênero e Geração em Contextos Rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.